

MATERIAL DE APOIO AO PROFESSOR
Contextualização da obra



PAPAI É MEU!

Ilan Brenman

Ilustrações de **Juliana Bollini**

Coordenação pedagógica

Maria José Nóbrega

DE LEITORES E ASAS

María José Nobrega

“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”

Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a essas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que estão a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas, diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos esses elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” por meio da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos, assim como os horizontes de um leitor e os de outro. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “meu amor não quer voltar”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “não pode” que está escrito, é “não quer”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou? Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira etc.? O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 37ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.



Um pouco sobre Ilan Brenman, o autor de *Papai é meu!*

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de portenhos (argentinos), neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP e já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 30 livros publicados (além de vários no exterior), dentre os quais *Até as princesas soltam pum* (2008), *O turbante da sabedoria* (2008) e *O Senhor do Bom Nome* (2004). Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Se houver possibilidade de acessar a internet, será interessante mostrar para a turma o *site* do autor, para saber mais informações sobre sua trajetória: www.ilan.com.br.

A OBRA

O dia todo era uma eterna disputa: cada uma das duas irmãs queria o pai inteiro, a todo instante, só para ela. “Papai é meu!”, diziam as duas, sem cansar, num coro desencontrado e dissonante. De manhã bem cedo, na hora do café, nas brincadeiras em família, no teatro, no cinema, sentadas na frente da televisão... A disputa sempre continuava.

Contudo, certo dia, o inevitável aconteceu: enquanto as garotas puxavam cada um dos braços do pai, cada vez mais forte, o coitado rasgou-se ao meio... Cada uma ficou com uma metade só para si. Acontece que não tardaram a descobrir que um meio-pai não conseguia escovar os dentes delas, nem lhes dar de comer na boca e muito menos pegá-las no colo e girar bem forte... Ainda bem que na papelaria em frente à casa encontrava-se a solução: uma potente “cola para pai”, que permitiu grudar os pedaços bem juntinhos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Na seção *O autor*, Ilan Brenman revela que estamos diante de uma história baseada em fatos reais: o próprio autor já se sentiu quase rasgando ao meio, puxado de lados opostos por duas figuras pequenas... Essa narrativa tem o sabor e a despretensão de uma história que um pai inventa para suas filhas ao colocá-las para dormir. De modo delicado e bem-humorado, une elementos fantásticos a situações cotidianas para tratar de um tema clássico: a competição e a rivalidade entre irmãos.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Conto.

Componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte.

Tema contemporâneo: Vida familiar e social.

Público-alvo: Pré-escola – crianças de 4 e 5 anos da Educação Infantil.